



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL**

JOSÉ VITOR QUERUBINO

**ANÁLISES DAS POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES NA
IMPLEMENTAÇÃO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO BUIEIÉ EM VIÇOSA/MG**

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2022**

JOSÉ VITOR QUERUBINO

**ANÁLISES DAS POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES NA
IMPLEMENTAÇÃO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO BUIEIEÍ EM VIÇOSA/MG**

Monografia apresentada ao Departamento de Economia Rural, da Universidade Federal de Viçosa, sendo parte integrante das exigências da disciplina ERU 488 – Trabalho de Conclusão de Curso II, como requisito parcial para a obtenção do grau de Cooperativista, desenvolvido sob a orientação da Professora Dr.^a Bianca Aparecida Lima Costa.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2022

JOSÉ VITOR QUERUBINO

**ANÁLISES DAS POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES NA
IMPLEMENTAÇÃO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO BUIEIÉ EM VIÇOSA/MG**

BANCA AVALIADORA

Orientadora: Professora Dr.^a Bianca Aparecida Lima Costa

Professor Dr. Márcio Gomes da Silva

Mestrando Lindemberg Ribeiro Caetano

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2022

AGRADECIMENTOS

Gostaria já de início agradecer a todos os meus amigos que me apoiaram nesse ano que foi tão difícil para mim, a minha família, a doutora Bianca minha orientadora por ter tido paciência comigo em momentos que fui displicente e desatento. Todos eles tiveram uma participação especial nessa reta final da minha graduação, pois não me deixaram desistir. Agradeço a mim mesmo, por ter conseguido obter a direção, dentro de um momento tão difícil em minha vida particular, sendo possível ter aprendido a me valorizar muito mais do que antes e, sobretudo, por ter entendido como me respeitar! Observo ao meu redor e amo o que vejo. Sei que coisas boas estão vindo para mim, e o ruim irá bater e voltar, tudo é uma fase! Minha vida não está do jeito que eu exatamente desejo, mas tenho ciência que estou no caminho. Sigo comigo ótimas esperanças, pessoas que me apoiam e uma louca vontade de buscar os meus novos objetivos. E como já dizia o Racionais mcs “É necessário sempre acreditar que o sonho é possível, que o céu é o limite e você, truta, é imbatível, que o tempo ruim vai passar, é só uma fase, que o sofrimento alimenta mais a sua coragem”.

RESUMO

QUERUBINO, José Vitor. **Análise das potencialidades e limitações na implementação do Turismo de Base Comunitária na Comunidade Quilombola do Buieié.** 2022; 39 p. Trabalho de Conclusão de Curso - Bacharelado em Cooperativismo, Universidade Federal de Viçosa, MG; 2022.

O presente trabalho apresenta uma análise de possíveis potencialidades e limitações na implementação do Turismo de Base Comunitária (TBC), dentro da comunidade de remanescente quilombola do Buieié, em Viçosa-MG. O intuito desta monografia foi realizar um breve levantamento sobre os pontos positivos e as limitações do local para implementação das ações voltadas ao TBC, através da visão de apoio ao desenvolvimento turístico, econômico e social, dentro das perspectivas locais. O trabalho foi desenvolvido por meio de revisão de literatura, do levantamento histórico e visitas à comunidade, sendo realizadas conversas com lideranças quilombolas do local. Com base nesses procedimentos, foram levantadas as principais características da comunidade e a produção já realizada, como artesanatos, comidas típicas, entre outros. Os resultados que foram recolhidos mostram que uma parte dos moradores e lideranças tem o interesse pelo TBC, entretanto, são necessárias mudanças e adequações, uma vez que faltam alguns elementos como infraestrutura, saneamento e espaço para alimentação que são pontos cruciais para que seja oferecido um turismo no local.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária, Quilombo do Buieié, Potencialidades.

ABSTRACT

QUERUBINO, José Vitor. **Analysis of potentialities and limitations in the implementation of Community based Tourism in the Quilombola Community of Buieié.** 2022; 39 p. Course Completion Work – Bachelor of Cooperatives, Federal University of Viçosa, MG; 2022.

This present work is an analysis of possible potentialities and limitations in the implementation of Community-Based Tourism (CBT), within the remaining quilombola community of Buieié, in Viçosa-MG. The purpose of this monograph was to conduct a brief survey on the positive points and limitations of the place for the implementation of the actions aimed at the CBT, through the vision of support for tourist, economic and social development, within the local perspectives. The work was carried out utilizing a literature review, a historical survey about the community, and visits to the community were carried out in conversations with the quilombo leaders of the place. Based on these procedures, the main characteristics of the community and the production already carried out, such as handicrafts, and typical foods among others were surveyed. The results that have been collected show that some of the residents and leaders have an interest in the CBT, however, many changes and adaptations are needed to be made, since some elements such as infrastructure, and sanitation are missing, which are crucial points for being offered tourism on site.

Keywords: Community-based tourism; Quilombo do Buieié; Potentialities.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	11
3. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.....	13
4. COMUNIDADES QUILOMBOLAS.....	16
5. COMUNIDADE QUILOMBOLA DO BUIEIÉ, EM VIÇOSA-MG: BREVE HISTÓRICO.....	21
6. POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NO BUIEIÉ.....	24
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
8. REFERÊNCIAS.....	31
9. ANEXO – FOTOS DA LOCALIDADE.....	36

1. INTRODUÇÃO

O turismo de base comunitária (TBC) é uma forma alternativa de gerar recursos para atender às grandes demandas que surgem dentro de comunidades tradicionais, onde se tem como objetivo desenvolver uma base voltada para a utilização das próprias estruturas locais e naturais de um determinado território. Assim, toda atividade que gira em torno do TBC é feita pelos próprios moradores da comunidade que tem como objetivo o desenvolvimento e fortalecimento da renda local, melhorando assim a própria economia da comunidade (MAGNO, 2008).

O cenário de desigualdades aos quais as populações quilombolas são submetidas os colocam em muitas situações de vulnerabilidade, fazendo com que seja necessário a realização de ações com o intuito de resistir diante da falta de apoio que sofrem do poder público. O TBC pode ser uma forma de legitimação do poder de atuação desta população (TUCUM, 2008). Estas iniciativas são formadas por membros de comunidades quilombolas, ribeirinhas, indígenas entre outros povos tradicionais, que possuem o mesmo interesse em se unir para fortalecer sua identidade e seu poder de ação popular (BUARQUE, 1994).

As comunidades quilombolas são regiões onde a população tem por uma de suas principais características ser um povo com sua predominância étnica negra, sendo em sua maioria formada por culturas oriundas dos povos africanos que foram submetidas a escravidão (CARTILHA DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS, 2014). Entender a cultura é de grande importância para os moradores quilombola, já que é um povo cercado de história e ancestralidade passada de geração em geração (CASHMORE, 2000).

O racismo que ainda permanece na sociedade, oriundo da escravidão, separa classes e impede a acessão de determinadas camadas populares na sociedade. Diante disto, os grupos sociais marginalizados e excluídos buscam se organizar para pleitear direitos que rotineiramente são ignorados e desrespeitados (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002).

Com base na capacidade e potencial de iniciativas dos povos tradicionais de um território, o turismo de base comunitária possui potencial para dar auxílio e resolução de necessidades dos habitantes locais. Em algumas circunstâncias com a formação ou o melhoramento de instituições regionais que zelam pela cultura, tradições, manutenção do meio ambiente e também da infraestrutura. O TBC pode possibilitar ferramentas de desenvolvimento local sustentável, geração de renda, fortalecimento da identidade através da manutenção das práticas ancestrais, manifestações socioculturais e medidas de

preservação do meio ambiente. Em suma, através da organização produtiva para estruturação do TBC, as comunidades são provocadas a repensar toda a infraestrutura do local e ainda, todos os elementos sociais, culturais e ecológicos (LIMA, 2011).

Nesse sentido, os projetos são o resultado desses grupos, coletivos e comunidades que, insatisfeitos com a forma que são tratados, insurgem contra o Estado e procuram modificar a realidade ao qual foram submetidos (RODRIGUES, 2010).

Busca-se com isso diminuir o êxodo do território que interfere nas relações socioculturais e tradicionais da comunidade, fazendo com que haja uma ruptura de cultura e de conhecimentos ancestrais que deixam de serem transmitidos para novas gerações. A identidade e o pertencimento grupal vão sendo alterados pela falta de apoio do poder público na manutenção do modo de vida étnico (RODRIGUES, 2010).

A falta de recursos e de acessibilidade às grandes cidades e a necessidade de sobreviver e de resistir a fortes oposições contra a sua existência faz com que haja uma perda de suas tradições, uma vez que os jovens veem na cidade uma ilusão de melhores oportunidades de se viver (DE SOUZA, 2014).

A comunidade foco deste estudo é o quilombo do Buieié, uma comunidade rural de Viçosa, com uma população predominantemente negra, com baixo índice de escolaridade e formada por descendentes de pessoas que foram escravizadas durante o período escravocrata. Em uma das versões sobre o início da formação do quilombo do Buieié atribui-se à doação de terras por uma senhora chamada de Nanhá do Paraíso como origem da comunidade (MAGNO, 2008).

Sendo assim, o presente trabalho visa realizar uma análise de potencialidades e limitações na implementação do turismo de base comunitária dentro da comunidade quilombola Buieié. Para isso, foram realizadas visitas e observação do cotidiano da comunidade, assim como conversas com lideranças locais. Também se elaborou uma revisão de literatura como forma de basear o entendimento sobre o TBC nas comunidades quilombolas.

Nesse sentido, o trabalho teve como objetivo analisar quais elementos do TBC podem ser utilizados na comunidade, descrevendo a situação atual do local, os interesses das lideranças e moradores, identificando elementos que podem interferir na execução do turismo na comunidade.

Entender quais são as limitações encontradas pelo turismo de base comunitária e delimitá-las é crucial para que no futuro outros projetos possam trabalhar em condições melhores e de forma mais detalhada. Busca-se, portanto, identificar os principais fatores que devem ser melhorados ou os que já estão prontos para que seja aplicado uma proposta de TBC na comunidade. Portanto, não se trata apenas de evidenciar as deficiências, mas

perceber quais as vivências do Buieíé que contribuiria para tais processos.

Para tanto, é importante lembrar a história, cultura, modo de vida e a organização da comunidade quilombola de Buieíé, à luz das potencialidades e limitações do turismo comunitário neste território. Dessa forma, este trabalho está estruturado da seguinte forma: apresentação do procedimento metodológico; revisão de literatura sobre Turismo de Base Comunitária e Comunidades Quilombolas; informações sobre o quilombo do Buieíé; discussão sobre as potencialidades e as limitações do turismo de base comunitária no território, e por fim, considerações finais.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho teve como essência uma abordagem qualitativa e exploratória, onde foi estabelecido um contato com a comunidade do Bueié, com o objetivo de apurar os principais sentidos, significados, história e heranças compartilhadas pelas lideranças e moradores do quilombo foco da análise.

Em suma, destaca-se a abordagem qualitativa em função da natureza do problema estudado (GODOY, 1995; MAXWELL, 2012), em que é importante entender melhor e de forma mais detalhada possível as limitações e as potencialidades para uma casual execução de estratégias de turismo de base comunitária no perímetro do quilombo do Bueié.

A abordagem exploratória se justifica pelas condições decorrentes da proposta, onde estudos exploratórios auxiliam em uma definição que refina as pesquisas mais aprofundadas e pontuais em determinado assunto (MAXWALL, 2012).

Para tanto, foi desenvolvida uma revisão de literatura (RL) que consiste em realizar o agrupamento de diferentes pontos de vista dos autores que já falaram sobre o assunto pesquisado. A RL é assim a sistematização de documentos realizada pelo pesquisador. Nesse sentido, a revisão de literatura é a união das ideias entre pesquisador e escritor de trabalhos sobre o tema escolhido, assim deixando claro que o projeto não fica preso em ser o primeiro sobre determinado tema, mas com análise e críticas dos pensamentos já desenvolvidos sobre a temática (MAZZOTI; GEWANDSZNAJDER, 2000).

A revisão da literatura tem duas características que procuram elaborar soluções para o problema de pesquisa: I) debate do referencial teórico sobre a temática e II) revisão de pesquisas feitas anteriormente sobre o tema. Entretanto, dentro de pesquisas feitas de modo qualitativo o modelo usado pelo o pesquisador pode ser um fator crucial para que determine a literatura sobre o tema usado. De acordo com Mazzoti e Gewandsznajder (2000, p. 184), “usam a literatura para discutir conceitos e justificar categorias de análise [...] focalizar e contextualizar o problema, discutindo-o na introdução”. Já os construtivistas sociais, “buscam formular indutivamente suas teorias com base na análise de dados, ou seja, esses utilizam a literatura unicamente, para compará-la com os “resultados obtidos na análise de seus próprios dados”.

Além da revisão, foram realizadas visitas à comunidade do Bueié nos dias 22 de outubro e 26 de novembro de 2022, durante a Feira de Agricultura Familiar Quilombola do Buieí, onde foi possível não só observar as atividades realizadas, como também dialogar com os participantes durante o evento. De fundamental importância foram realizadas conversas com as lideranças locais que, após analisadas e articuladas com aspectos observados, serviram de base para sistematização apresentada neste trabalho.

3. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Através da visão do autor Irving (2009), o turismo de base comunitária (TBC) se desenvolve como uma proposta de desenvolvimento local que tem o poder de construir uma consolidação ética. Assim, as comunidades conseguem se beneficiar do turismo e utilizar de seus benefícios. O capitalismo desenfreado vem como uma forma expansionista para a economia mundial, fazendo com que aumente também a desigualdade da população, atingindo em sua maioria os locais menos favorecidos.

O TBC se apresenta como uma forma alternativa de realizar mudanças em locais de comunidades e povos tradicionais, com o intuito de aumentar a renda e o desenvolvimento local. De acordo com Buarque (1994), o envolvimento local ocorre em pequenas localidades e grupos de pessoas onde se é capaz de desenvolver uma evolução de recursos econômicos se transformando futuramente em melhoria nas condições de vida.

De acordo com Tucum (2008), o TBC é onde a população local consegue obter o maior controle sobre o modo de seu desenvolvimento, sendo a gestão de formato comunitária ou familiar dentro da estrutura e serviços. Assim, consegue-se realizar um novo modelo de se pensar a forma que se faz turismo, buscando se destacar acima de tudo o local de desenvolvimento.

Entende-se que o TBC está dentro de um grupo transversal com outros tipos de turismo, como o rural, o ecoturismo, o de aventura, o gastronômico, entre outros (SANCHO; MALTRA, 2015). Assim, o turismo de base comunitária tem por objetivo a utilização do conjunto de pessoas que fazem parte das comunidades e povos tradicionais, onde que se tem a utilização de suas culturas e modos de viver passado de geração para geração, possibilitando produtos turísticos únicos.

O TBC não se limita apenas a modalidade de turismo, mas pode ser considerado uma metodologia de trabalho orientando ideias para que a curto, médio e longo prazo, possa se realizar a melhora na qualidade de vida da população atingida (MIELKE E PIEGAS, 2013). Assim, o TBC vai além das relações de comércio, impulsionando a interconexão nos diferentes modelos de se viver, na busca de se manter relações através de visitação entre as comunidades de culturas diferentes (SAMPAIO et al., 2014).

Os autores Bursztyn, Bartholo e Delamaro (2009, p. 86) definem que:

O turismo alternativo de base comunitária busca se contrapor ao turismo massificado, requerendo menor densidade de infraestrutura e serviços e buscando valorizar uma vinculação situada nos ambientes naturais e na cultura de cada lugar. Não se trata, apenas, de percorrer rotas exóticas, diferenciadas daquelas do turismo de massa. Trata-se de

um outro modo de visita e hospitalidade, diferenciado em relação ao turismo massificado, ainda que porventura se dirija a um mesmo destino. Esse turismo respeita as heranças culturais e tradições locais, podendo servir de veículo para revigorá-las e mesmo resgatá-las. Tem centralidade em sua estruturação o estabelecimento de uma relação dialógica e interativa entre visitantes e visitados. Nesse modo relacional, nem os anfitriões são submissos aos turistas, nem os turistas fazem dos hospedeiros meros objetos de instrumentalização consumista.

O turismo comunitário tem uma perspectiva medida pelos os próprios moradores das comunidades, sendo um mecanismo para: (a) proporcionar ou impulsionar o desenvolvimento local endógeno (CORIOLANO; VASCONCELOS, 2013); (b) auxiliar a manutenção do meio ambiente (GRIMM; SAMPAIO, 2016); (c) impulsionar ações de caráter colaborativo e solidário, no modelo da economia solidária (ARRUDA; MARIANI; FISCHER, 2013); (d) oferecer uma mudança nos turistas, fazendo com que consigam observar mais sobre a si próprios quando entram nas características do outro (ZAOUAL, 2008) e; (e) gerar renda e trabalho às comunidade tradicionais, auxiliando ao mesmo tempo nas especialidades socioculturais dos coletivos (IRVING, 2009).

Para que as estratégias de TBC consigam sucesso é indispensável que os grupos centrais façam uso de seus territórios e nele desenvolvam atividades, como pequenos empreendedores e/ou através de associações, em que a própria população atue de forma alinhada e solidária, ocasionando uma proposta de formação de produtos turísticos que além de serem únicos e transformadores, proporcionam privilégios longínquos para as comunidades (BURGOS; MERTENS; 2016; TOLKACH; KING, 2015).

Como exemplo do TBC no Brasil, é possível citar o Projeto Bagagem que é uma iniciativa que auxilia no levantamento de dados pelo Brasil sobre este tipo de turismo, que conta também com o apoio da rede Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (TURISOL). As iniciativas juntas realizam o apoio ao turismo de base comunitária brasileiro, além da representação mundo a fora (PROJETO BAGAGEM, 2022).

O Projeto Bagagem (2022) realizou um mapeamento das iniciativas de turismo de base comunitária e elencou os quatro maiores estados representantes da atividade no Brasil. O primeiro é o estado de Minas Gerais, que ficou na frente com 22,35% de representatividade, seguido pelo Amazonas com 15,68%, logo depois vem a Bahia com 7,84%, e, por fim, o Paraná com 5,66%, sendo esses os estados mais significativos da evolução ocorrida pelo TBC no país.

Através da visão de distribuição geográfica, os locais que apresentam maiores presenças de turismo de base comunitária no Brasil são os com presença marcante de população tradicional. Logo se fazem necessárias ações que auxiliam na proximidade, não apenas em suas regiões, mas principalmente dentro de órgãos de representação que é

o caso da rede Turisol (PROJETO BAGAGM, 2022).

Por fim, o TBC chega as comunidade e povos tradicionais como forma de execução na articulação de turismo solidário, visto que, tem por finalidade apoio na tentativa de resolução das dificuldades que as comunidades sofrem, ocorrendo adaptações a tais problemas. Dependendo de região para região, existe uma adaptação para atingir os principais pontos da valorização com base nas características dos locais, buscando criar um maior vínculo entre o turista e a cultura das comunidades.

4. COMUNIDADES QUILOMBOLAS

O povo quilombola em toda a sua história foi excluído da sociedade, ainda assim sempre lutou contra as desigualdades para manter viva a sua cultura, identidade e características, a qual possibilita a emancipação da população de remanescentes de comunidades quilombolas (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002). A desigualdade de classes e intolerância racial, associada à carência de apoio dos órgãos públicos em investimento de recursos em comunidades quilombolas que são deixadas em esquecimento, fazem com que evidenciem à discriminação, desinteresses e a disparidade que as comunidades foram constituídas (RODRIGUES, 2010).

O quilombo é um refúgio dos povos escravizados que buscavam se afastar da sociedade, onde por muitos anos viam eles apenas como forma de mão de obra. Antes deles serem “livres”, procuraram locais afastados e próximo a rios para que pudessem gerar uma economia e fonte de sobrevivência para os seus membros. Conforme nos explica Mariana Paz (2021, p. 33):

A forma de organização social, política e econômica denominada quilombo, surgida do tempo da escravização no Brasil, tem por sua finalidade a resistência à exploração escravagista. Essa organização nasce a partir dos métodos cruéis utilizados e também da mais valia total, perpetrada pelo modelo de trabalho escravocrata [...].

De acordo com Barreto (2021), durante o período colonial escravista, a população escravizada montava estratégias de sobrevivências e lutavam por reivindicações em terras, utilizando o método de associativismo para conseguir atingir seus objetivos e buscar melhores condições de vida e de sobrevivências para si próprio e para toda sua família. Para Flávio dos Santos Gomes (1996), os quilombos podem ser vistos como “campos negros”, locais onde a população tem fortes laços com a terra, cultura e a economia, buscando se sustentar e sobreviver, trazendo consigo heranças deixadas pelos seus antepassados.

Com base no que foi falado por Guimarães (1983), existem certas características que consistem em um quilombo, como número de pessoas negras, traços fenotípicos, heranças, expressão religiosa, entre outros. Existem traços que caracterizam um quilombo, como herança étnica, comidas, cultura, expressões religiosas, entre outras. Porém, vem com elas as opressões sofridas pelas chamadas “elites populacionais”, que discriminam não só os traços dos moradores quilombolas, mas também as suas localizações, por serem de região mais afastadas dos grandes centros.

Além do autor trazer consigo visões políticas que buscam libertar a população da opressão que sofrem pela a herança deixada por seus antepassados, ressalta-se que as

elites não veem o quilombo com bons olhos. Um quilombo é uma forma de organização de caráter social que se tem um modelo étnico definido, compreendendo, assim, como sendo constituído por povos remanescentes de quilombo, sendo caracterizados pela sua etnia e seu território (LEITE, 2000).

Dentro dos quilombos existem heranças socioculturais, políticas e religiosas que são passadas de geração em geração, trazidas através de muita luta, criando assim laços fortes entre os moradores da comunidade, usando a cultura e a economia como forma de sustento a suas famílias (GOMES, 1996).

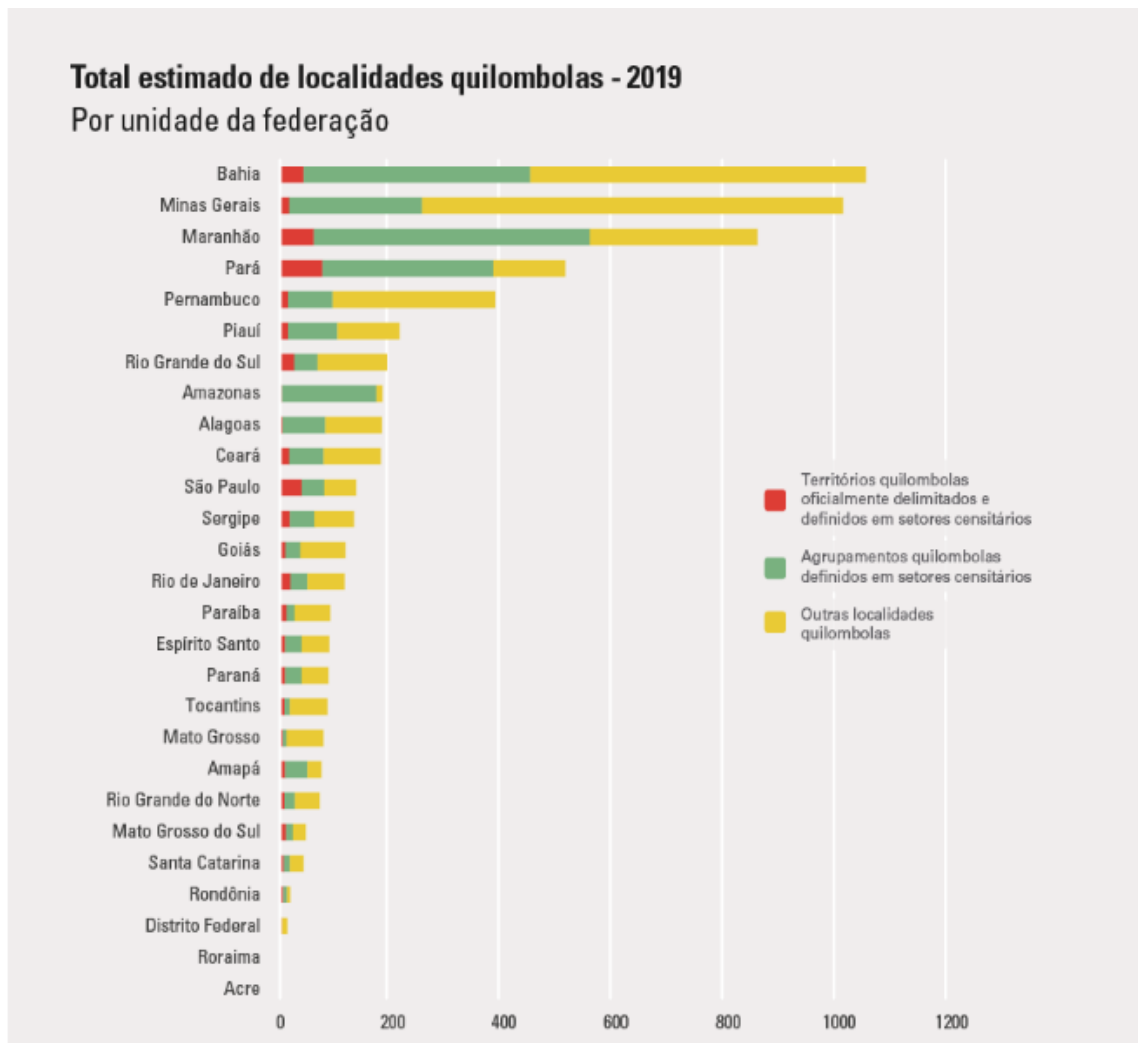
A titulação de terras quilombolas consta no Art. 68 do ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT): “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). A certificação de comunidade de remanescente quilombolas fica a cargo da Fundação Cultural Palmares (FCP) que, por meio de análise de ancestralidade e comprovação de cultura e histórico da comunidade, realiza a certificação dos quilombos pelo Brasil (FCP, 2022).

A falta de investimento por parte dos órgãos públicos em comunidades negras, rurais ou urbanas é uma realidade brasileira, isso acontece em decorrência de uma cultura de desigualdade e separação de classes a partir de um critério racial (RODRIGUES, 2010). A forma como é visto o território quilombola e que foram formados por fugas de grupos isolados está errada, uma vez que, o terreno pode ter sido adquirido por ordens religiosas, doações de terras para santos, serviços prestados de forma religiosa, entre outros (ALMEIDA, 2008).

Estudos levantados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), em 2019, apontam que Minas tem 228 terras quilombolas em processo de titulação. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estima que no mesmo ano existiam 5.972 localidades quilombolas no Brasil, sendo 1.021 no Estado de Minas Gerais. A Imagem 1, demonstra o total estimado e localização Quilombola no Brasil, em 2019. Já a Imagem 2, mostra a situação, no mesmo ano, de terras tituladas e em processo de titulação pelo Incra.

Imagem 1

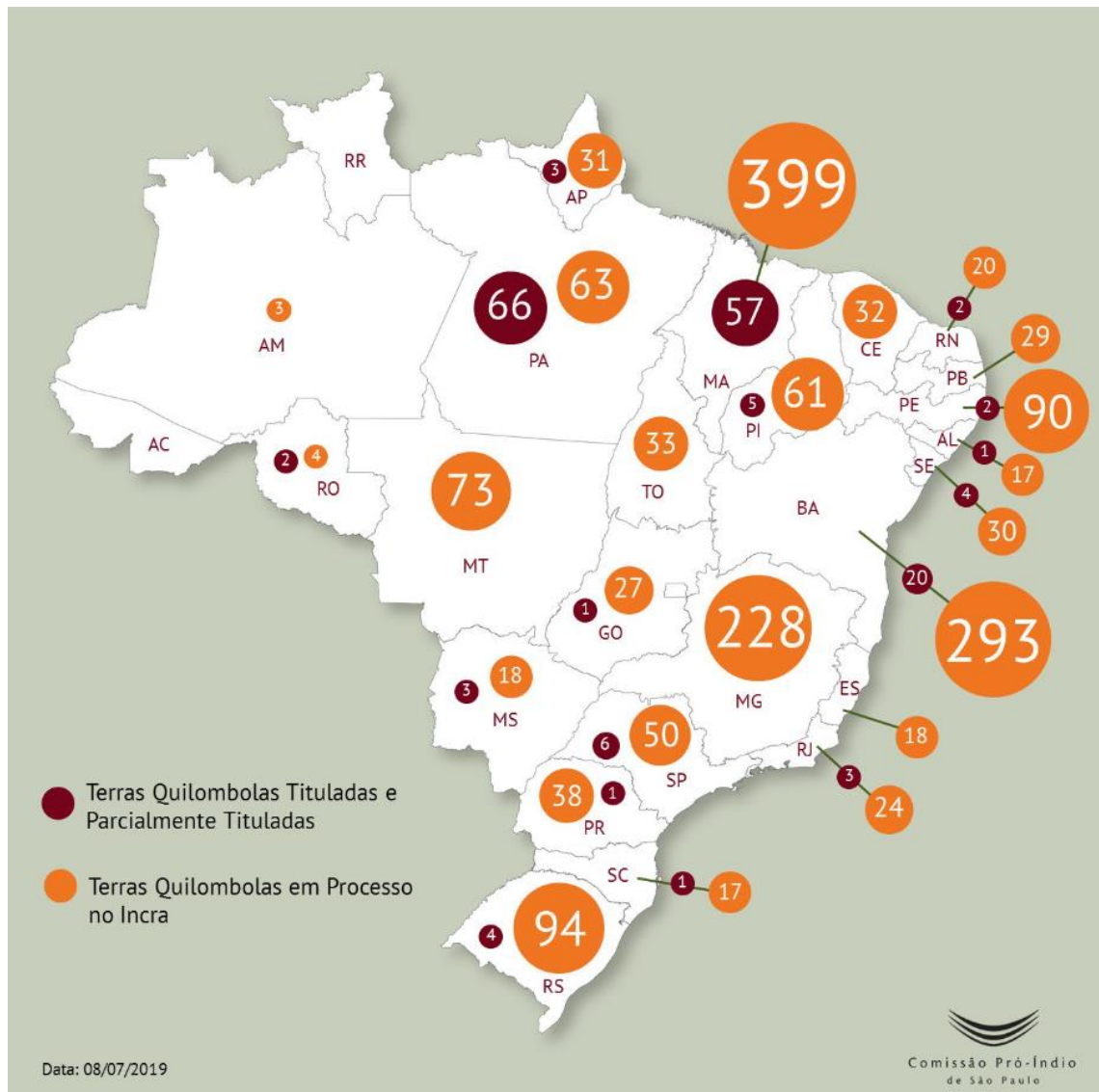
Localidades Quilombolas



Fonte: IBGE, 2019.

Imagem 2

Terras quilombolas tituladas



Fonte: Comissão Pró-Índio de São Paulo, 2019.

Segundo a imagem, em Minas Gerais só perde para o Estado da Bahia, em número de localidades quilombola, sendo curiosamente o único da região Sudeste entre os primeiros, deixando claro que houve um grande número de uso de mão-de-obra escravocrata na região mineira, já que o Estado ter sido um polo de mineração e plantação no período da escravocrata

Porém, diferentemente de outras regiões como o Pará e Maranhão, Estados menores, mas que ainda assim, apresentam número expressivo de comunidades tituladas. Minas não possui nenhuma comunidade titulada segundo o Incra. Essa titulação garante aos moradores quilombolas o direito total ao uso e posse das terras, podendo ser um empecilho para a implementação do TBC, tendo em vista que muitas comunidades quilombolas sofrem diversos ataques de fazendeiros que querem o seu território para

realizar plantação de grande escala.

Por fim, o quilombo se torna um lugar rico de tradições e ancestralidade trazidas por povos da África, que em uma busca de manter viva as suas lembranças, ocorrerá incessantes resistência onde que nos tempos atuais os moradores, passaram a ser nomeados de remanescentes das comunidades de quilombos.

5. COMUNIDADE QUILOMBOLA DO BUIEIÉ, EM VIÇOSA-MG: BREVE HISTÓRICO

O Buieié é uma das comunidades de remanescente quilombolas certificada pela Fundação Cultura Palmares (FCP), órgão responsável por tal ação, em 2004 através do Processo nº 01420.000385/2004-69 e Certificado FCP: Portaria nº 35/2004 de 38272. No local, vivem 130 famílias que somam aproximadamente 600 pessoas, onde fica localizada entre 15 a 20 km do centro urbano da cidade de Viçosa, Minas Gerais. O município fica localizado na Zona da Mata Mineira, que é um local cercado pela Mata Atlântica, encontrando-se assim sob a floresta estacional semidecidual, onde ocorre uma seca hiberna durante o inverno e chuvas intensas durante o verão (CABRAL, 2016).

O quilombo do Buieié foi certificado como tal pela FCP no ano de 2004, em que, através de documentação, comprovou-se as características e traços de uma comunidade remanescente de quilombo (FCP, 2022). As lideranças que se formaram no local auxiliaram na implementação de vários projetos, como é o caso do Buieié Projeto Social, feiras agroecológicas e parcerias com várias iniciativas.

De acordo com Magno (2008), não existe um real entendimento dos moradores mais antigos sobre como realmente aconteceu o acesso dos primeiros moradores ao local atual. Os mais velhos relatam diferentes visões e memórias sobre o território. Embora uma parte defenda a visão de que a terra foi comprada junto a uma senhora de engenho chamada Nhanhá do Paraíso, outros defendem que as terras foram doadas pela a mesma (MAGNO, 2008). Mas o que se tem confirmado é que as localidades foram transferidas às pessoas escravizadas (CIRO, 2018).

Dentro da comunidade do Buieié, o vínculo que se forma entre parentes e vizinhos é um laço muito forte, fazendo com que se tenha uma ligação de pertencimento com a terra, sendo o fator de união entre todos (CIRO, 2018; PINTO et al, 2009). As antigas construções feitas de pau-a-pique deram lugar a novas construções de alvenaria, através de ajuda comunitária dos próprios moradores (PEREIRA, 2000). Existe também uma divisão territorial dentro do próprio quilombo que fica como “Buieié de cima” e o “Buieié de baixo” (PINTO et al, 2009). De acordo com o autor, a parte de baixo é onde fica concentrada a maior parte dos moradores, sendo uma área menor e tendo construções já mais urbanizadas e próximas umas das outras, assim os terrenos acabam sendo menos utilizados nas plantações. Já na parte de cima, esse tem um espaçamento maior entre os moradores e um maior número de plantações de diferentes tipos, entre eles café, cana de açúcar e milho.

Próximo a comunidade não se tem escolas ou posto de saúde, além do acesso ser dificultado pelas vias públicas, uma vez que ainda não tem iluminação, além de um trecho ser de estrada de terra, fazendo com que a estrada seja ainda mais dificultada em período chuvosos. Em parte das moradias não se tem qualquer modelo de tratamento de esgoto, contando, em algumas casas, com as chamadas fossas sépticas, além da prefeitura não realizar coleta de lixo na região (TORRES, 2014; SANTOS et al., 2016).

Segundo Ciro (2019), grande parte dos moradores são jovens e adultos, com aproximadamente 50% declarando não ter formação educacional e apenas 10% concluíram o ensino médio. Vale ser levado em consideração que a escola pública mais próxima fica a cinco quilômetros de distância, atendendo crianças pela faixa etária de 11 anos de idade. Após esta idade limite os alunos devem frequentar as escolas localizadas no centro da cidade. A imagem 3 do *Google Earth* mostra o perímetro da comunidade Buieié, onde se consta a presença de plantios agrícolas. É possível ser visto também um pouco das construções no local e os terrenos em volta.

Imagem 3

Comunidade Buieié



Fonte: Google Earth.

6. PONTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NO BUIEIÉ

Segundo Zaqual (2008), o turismo feito de forma tradicional provoca o seu próprio declínio, visto que os principais locais de turismo se mostram cada vez mais maçantes para a população, sem qualquer respeito pelos consumidores e com a sua capacidade de suportar determinado número de visitantes. Assim surge a oportunidade de visibilidade ao turismo comunitário, onde se encontra um maior nível de autenticidade, colaboração, sustentabilidade e também uma vivência real de uma experiência do turista, fazendo com que haja uma maior interação dentro dos meios da comunidade.

Entretanto, o turismo de base comunitária (TBC) não é uma atividade fácil de ser realizada e planejada. Mielke e Pegas (2013) evidenciam que existem iniciativas que não foram bem-sucedidas em toda parte do mundo. Os autores ressaltam alguns pontos que podem levar a falha dentro da aplicação do TBC, como veremos a seguir.

É possível ocorrer dificuldades de acesso ao mercado e os produtos feitos nas comunidades pela falta de recurso e das condições que são impostas a eles. Isso pode não despertar tanto interesse da população. Outro fator é a falta de relações comerciais com intermediários como, por exemplo, as agências de turismo, fazendo com que aumente a dificuldade de interação dos turistas com os produtos produzidos na comunidade. Vale ressaltar que a maioria dos destinos de TBC fica em locais afastados das cidades, sem apoio de agentes públicos para melhoramento das vias, fazendo com que se torne difícil o acesso à comunidade, além de ser precária a estrutura de transporte, dificultando o interesse pelo local (MIELKE, 2010).

Há problemas relacionados à governança interna, questão recorrente em grande parte das comunidades que tem um TBC já implementado. Mesmo com a estratégia montada, muitos moradores não entendem realmente seus potenciais e os grandes desafios que irão encontrar no território. São recorrentes também os casos de turismo comunitário que não são feitos através de ações coletivas, fazendo com que aumente o grau de dificuldade de sustentar a implementação de um turismo que traga benefícios a longo prazo às comunidades (MIELKE, 2010).

Destacam-se também dificuldades na gestão de parcerias estratégicas. Grande parte das comunidades que busca entrar no turismo de base comunitária veem dificuldades, como roteiros turísticos. Assim, busca-se estabelecer relações com agentes econômicos já conhecidos do nicho turístico, como redes de hotéis, empresas de turismo e transporte. Além disso, vale ressaltar que as comunidades sofrem para acessar recursos de políticas públicas que fomentam o turismo. Em algumas comunidades, cria-se um ambiente cercado de esperanças, que pode não ser respondido à altura, ocasionando uma

futura desmotivação e frustração por parte do povo. Possivelmente, com um pouco mais de planejamento e gestão tais experiências poderiam ter êxito a médio ou longo prazo (MIELKE, 2010).

No Brasil, se tem um costume em pesquisas sobre o tema de turismo comunitário como sendo apenas em (a) território rural (GUZATTI; SAMPAIO; COIOLANO, 2013); (b) localizado próxima de costas e praias (BRUGOS; MERTENS, 2015); (c) assentamentos de reforma agrária (LACERDA *et al.*, 2007); e (d) comunidades tradicionais, ocupados por grupos indígenas e comunidades quilombolas (LUSTOSA; ALMEIDA, 2011; SILVA, 2014; SILVA; MATTA; SÁ, 2016). Desde de 1997, existe um grupo de pesquisadores que realizam reuniões no Encontro Nacional de Turismo de Base Local (ENTBL), onde os membros fazem reflexões sobre os benefícios e malefícios das estratégias de turismo comunitário no Brasil.

É fundamental entender que existem grandes desafios na implementação do turismo de base comunitária. Analisando as dinâmicas sociais internas nas comunidades, com base no entendimento no que vem a ser um TBC, não é raro encontrar as condições já mencionadas anteriormente por Mielke e Pegas (2013), que evidenciam as dificuldades no crescimento das estratégias de turismo comunitário. Sendo assim, os componentes já discutidos pelos autores (dificuldades de acesso ao mercado, problemas de governanças internas das comunidades, além de dificuldades na gestão de parcerias estratégicas de interesse), também podem ser observados na comunidade do Buieié, como iremos adentrar melhor.

No caso da comunidade quilombola do Bueié, o turismo, por meio de uma rota, por exemplo, não estaria vinculado à paisagem e não seria necessário, por exemplo, inicialmente hospedagem. A ideia seria o desenvolvimento de rotas turísticas com aspectos culturais e históricos. Para tanto, é necessária a identificação destes aspectos e consolidação de roteiros nesse sentido. Observa-se que alguns eventos na comunidade já podem ser considerados como potenciais.

Ao longo das visitas à comunidade estudada, foi possível observar os seguintes elementos internos: (a) feira quilombola; (b) comidas típicas; (c) lugares sagrados do quilombo; (d) rodas de vivências griô; (f) vivência quilombo. E, nesses aspectos, podemos verificar limitações e potencialidades.

O quilombo do Buieié fica há cerca de 20 quilômetros do centro urbano de Viçosa. O trajeto até o território normalmente leva entre 20 a 30 minutos de ônibus ou veículos particulares, passando por estradas sem asfalto adequado com 5 quilômetros de estrada rural.

Sendo assim, o ponto destacado é a falta do posto de saúde dentro da comunidade,

ou até mesmo um hospital próximo. A escola pública mais próxima fica há 5 quilômetros e atende crianças de até 11 anos de idade. Após atingir a faixa etária limite, os jovens são transferidos para escolas localizadas no centro da cidade. Há dificuldades no trajeto às aulas principalmente em períodos chuvosos pela falta de estrada em condições viáveis. Em resumo, a dificuldade de acesso é um impedimento grande e limita os potenciais aos produtos culturais turísticos disponíveis no quilombo do Buieié. A infraestrutura de saúde e de educação do quilombo atrapalha na implementação efetiva na logística do TBC.

Dentro da comunidade do Buieié existe a necessidade de se aplicar a governança interna, uma vez que, o destaque fica centralizado na mão de poucas lideranças e parte dos moradores acaba se acomodando. Por mais que os líderes façam um bom trabalho de mobilização e apoio ao grupo, os habitantes devem se interessar mais sobre as questões que envolvem sua região com maior diversificação no acesso ao poder, oferecendo voz a grupos que se omitem no processo decisório.

Visando entrar mais a fundo sobre o relevante conjunto de limites e potencialidades para a implementação do TBC dentro do quilombo do Buieié, o Quadro 1 mostra elementos relevantes para a iniciativa.

Quadro 1 - Limites e potencialidades do turismo comunitário no Buieié

Fonte: Adaptação de GONÇALVES; ARRUDA (2020).

Limites		Potencialidades	
Quais são?	O que geram?	Quais são?	O que geram?
Dificuldades de acesso à comunidade	O caminho até a comunidade em tempos chuvosos, se torna quase inacessível, fazendo com que dificulte o turismo nesses períodos e faça com que perca datas	Feira de Agricultura Familiar Quilombola do Buieié	Produtos turísticos comunitários, renda e trabalho, além da valorização da cultura da comunidade
Precariedade na infraestrutura	Carência de políticas públicas voltadas à instalação de infraestruturas	Produtos típicos da gastronomia local	Valorização da cultura, geração de renda e trabalho, além de constituir produto turístico de caráter comunitário
Falta de parcerias estratégicas	Dificuldade para que o quilombo consiga entrar no turismo regional, em vista de outros turismo na região	Lugares sagrados do quilombo	Coesão social e eventuais produtos turísticos comunitários, de cunho cultural e/ou religioso.
Precariedade no serviço público de saúde e educação à comunidade	Carência de conhecimento e condições de vida do morador	Intercâmbio agroecológico	Produtos turísticos comunitários, de cunho cultural
Falta de apoio da prefeitura da cidade	Escassez de investimento do departamento de cultura do município para fomento de estratégia de turismo no quilombo	Rodas de vivências griô	Coesão social, valorização da cultura e do território, além de as experiências autênticas constituírem produtos turísticos comunitários.
Reconhecimento do TBC da população	Dificuldades para estabelecer maior engajamento comunitário e para reconhecer a importância do turismo como fonte de renda e trabalho	Vivência quilombo	Valorização do território, além de levar até o turista uma vivência real do modo de vida da comunidade.

Dentro dos limites, se destacam alguns elementos que são básicos, como é o caso da infraestrutura. Atualmente, não há no Buieié um local pronto para o atendimento de um público de no mínimo cinquenta pessoas, dificultando a logística sanitária exigida por órgãos reguladores. Outro ponto importante é a proximidade da comunidade com a Prefeitura do Município, destacando-se um distanciamento entre as partes. A Secretaria de Cultura poderia ser uma grande aliada para a iniciativa de TBC no local. Outra limitação é a falta de parcerias estratégicas, que é uma forte aliada para o aumento de turistas gradativamente. Por fim, o acesso a comunidade se torna uma das grandes limitações, uma vez que a estrada é de difícil circulação em tempos chuvosos, onde que

o trecho de terra fica com lama, fazendo com que veículos atolem na estrada.

Já nas potencialidades, é importante demonstrar os pontos atrativos já se têm na comunidade, como é o caso da Feira Quilombola, uma vez que se tem alimentos, artesanatos e entre outros. Além dos produtos, há rodas de conversas entre os moradores cercadas de conhecimento e tradição que são denominadas rodas griô. Além disso, dentro da comunidade existem lugares que são referência para os moradores locais, devido à relação histórica e simbólica. Dentre eles, podemos destacar o local onde se encontra a árvore de Ipê, que possui mais de 90 anos, localizada na parte de cima do Buieié, sendo transformado em um símbolo de resistência e cultura no quilombo. Se tem como potencial a vivência quilombola, onde em conversa com uma moradora, ela relatou o interesse em recriar uma casa de pau a pique que poderia se tornar um Centro Histórico do Buieié.

Por fim, os limites demonstram pontos que são extremamente prejudiciais para a implementação do TBC, uma vez que essas são características mínimas para que seja executado o turismo de base comunitária em qualquer local. Porém, existem pontos de potencialidades que são importantes e que, se melhores desenvolvidos, se tornam pontos fortes e chamativos para os turistas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todo modo, para entender os limites na implementação do turismo de base comunitária no Buieié, anteriormente, deve se realizar ações de caráter exógeno e endógeno junta à comunidade.

Dentro das ações exógenas, deve-se envolver primeiro a sensibilidade do poder público local e regional, para melhoria da infraestrutura das vias de acesso, da saúde e da educação. Visto que, fazem-se necessárias políticas públicas e ações institucionais de fomento a cultura e identidade da comunidade do Buieié, fazendo com que possa se tornar um produto valioso para o turismo local e regional.

Destaca-se a importância do agrupamento de ações endógenas para a oposição aos limites do turismo de base comunitária no Buieié. Sendo assim, as ações de dentro para fora passam por um desenvolvimento da comunidade junto aos moradores do quilombo. O TBC pode representar benefícios para o enriquecimento e geração de renda, podendo institucionalizar ações coletivas voltadas para a mobilização social de modo que seja uma visão solidária e cooperativa, em concordância com os reais princípios culturais e sociais da comunidade.

Percebe-se que existem potencialidades que, se estimuladas, podem contribuir para ações de TBC no Buieié, porém é preciso reconhecê-las como principal trunfo do quilombo, visto que é preciso levá-las até os turistas, criando assim uma atração para a comunidade.

As potencialidade e limites são peças do desenvolvimento sociocultural da comunidade quilombola. Para que seja construído um novo caminho com formação de um turismo de base comunitária, deve-se ter conhecimento sobre os indicadores expostos neste trabalho, usando-os como base para sanar as limitações através de apoio junto a órgãos públicos, comunidades vizinhas e moradores do próprio quilombo.

Os projetos presentes na comunidade podem ser fortes aliados para o roteiro turístico, porém, apenas a Feira de Agricultura Familiar Quilombola do Buieié entraria de fato na rota, uma vez que, os outros projetos seriam utilizados como mecanismo de intervenção entre os turistas e os quilombolas, como é o caso da Associação dos Moradores do Buieié (AMBÉ) que, segundo lideranças locais, é controversa. Isso devido ao fato que, segundo essas lideranças, a associação é composta e liderada por moradores não-quilombolas, diferentemente do Buieié Projeto Social que é organizado e liderado pelos próprios quilombolas.

O Buieié Projeto Social poderia funcionar como um fomentador das questões de alimentação, rotas turísticas, explicação da ambientação para os turistas. Porém, ambas

não entrariam, de fato, no roteiro em si, mas sim como suporte para as visitas. Além dos dois projetos citados, existem outros que poderiam entrar como apoio.

Nesse contexto, a iniciativa do turismo comunitário no quilombo do Buieieé poderá impulsionar o processo de inclusão econômica, social, geração de renda, entre outros. Com base em todo o conjunto, se classifica a comunidade com a possibilidade de se ter visitas rápidas, porém, sendo inviável no presente momento a implementação do Turismo de Base Comunitária no local.

8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.W.B. Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia**, PPGSCAUFAM-Fundação Ford, Manaus, 2008. (Coleção Tradição e Ordenamento Jurídico).

ARRUDA, Dyego de Oliveira; GONÇALVES, Juliano Pessanha. **Limites e possibilidades no desenvolvimento de estratégias de Turismo de Base Comunitária em um território quilombola**. Interações (Campo Grande), v. 21, p. 107-123, 2020.

ARRUDA, Dyego de Oliveira; MARIANI, Milton Pasquotto; FISCHER, Rosa Maria. **Economia solidária, turismo e desenvolvimento local: algumas reflexões aplicadas ao contexto de Corumbá**, Mato Grosso do Sul. In: THOMAZ, Rosângela Custódio; MARIANI, Milton Pasquotto; MORETTI, Edvaldo Cesar; ARRUDA, Dyego de Oliveira (Org.). Turismo, políticas e dinâmicas no espaço rural. Campo Grande: Ed. UFMS, 2013 p. 183-208.

Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília-DF,1988. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/conadc/1988/constituicao.adct-1988-5-outubro-1988-322234-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

BARRETO, Maria Renilda. **“Resistência sobrevivência e associativismo: reinventando a vida nos territórios de escravidão moderna (século XVIII-XX)”**. Tempo Niterói Vol. 27 n. 2 Maio/Ago. 2021.

BISPO, Marcelo de Souza; GODOY, Arilda Schmidt. **A etnometodologia enquanto caminho teórico-metodológico para investigação da aprendizagem nas organizações**. Revista de Administração Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p. 684-704, set./out. 2012.

BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA**, v. 3, n. 2, 2016.

BUARQUE, S. C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Projeto de Cooperação Técnica INCRA/IICA PCT – INCRA/IICA. Material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e Municipal, Brasília, 1994. Disponível em <<http://www.iica.org.br/Docs/Publicacoes/PublicacaoesiICA/SergioBuarque.pdf>>. Acesso em: 10 novembro 2022.

BURGOS, Andrés; MERTENS, Frédéric. **As redes de colaboração no turismo de base comunitária: implicações para a gestão participativa**. Tourism & Management Studies, Faro, Portugal, v. 12, n. 2, p. 18-27, 2016.

BURGOS, Andrés; MERTENS, Frédéric. **A perspectiva relacional na gestão do turismo de base comunitária: o caso da Prainha do Canto Verde**. Caderno Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 81-98, abr. 2015.

Bursztyn, I., Bartholo, R. & Delamaro, M. (2009). **Reinventando a reflexão sobre o turismo de base comunitária**. IN: Bartholo, R., Sansolo, D. G. & Bursztyn, I. (Orgs). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, p. 76-91.

CABRAL, I. F. Q. **Análise de dados censitários e de cobertura florestal nativa em Viçosa- Minas Gerais e municípios limítrofes (2000 – 2010)**. 2016. 50 f. TCC (Graduação) – Curso de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.

Cartilha dos Povos e das Comunidades Tradicionais. Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais (CIMOS). Ministério Público de Minas Gerais, 2014. Disponível em: https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha_a-Povos-tradicionais.pdf. Acesso em: 28 nov. 2022.

CASHMORE, E. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro/Summus, 2000.

CIRO, A. C. S. S. **Por memórias do futuro: as potencialidades do patrimônio para o desenvolvimento local na comunidade quilombola do Buieié**. **REVES – Revista Relações Sociais**, v. 1, n. 1, 2018.

CIRO, Amanda Cristina Santiago Silva. **Memória, Identidade e Cidadania Entre reflexões e diálogos com a comunidade remanescente de quilombo Buieié – Viçosa/MG**. 2019.

COOK, Deborah J.; MULROW, Cynthia D.; HAYNES, R. Brian. **Systematic reviews: synthesis of best evidence for clinical decisions**. *Annals of internal medicine*, v. 126, n. 5, p. 376-380, 1997.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. **Revisão sistemática: uma revisão narrativa**. *Rev. Col. Bras. Cir.*, v.34, n. 6, p. 428-431, 2007.

CORIOLOANO, Luzia Neide; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. **Região, desenvolvimento regional e turismo comunitário**. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, Blumenau, v. 1, n. 1, p. 95-111, 2013.

Comissão Pró-Índio de São Paulo: Terras Quilombolas. [S. l.], 14 out. 2019. Disponível em: <https://twitter.com/proindio/status/1183888990707032065/photo/1>. Acesso em: 2 dez. 2022.

CONTI, Bruna Ranção; SPINOLA, José Tavares; SALDANHA, Luiz. **Turismo de base comunitária uma revisão sistemática e bibliométrica da literatura**. *Podium*, v. 10, n. 4, p. 50-80, 2021.

DA SILVA, Francisca de Paula Santos; MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues; DE SÁ, Natália Silva Coimbra. **Turismo de base comunitária no antigo Quilombo Cabula**. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 16, n. 2, 2016.

DE SOUSA, Claudiane de Fátima Melo. Resistências e reprodução social, política e econômica: a produção de boa gente no campesinato quilombola amazônico. **REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, 2014.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. **Revisão integrativa versus revisão sistemática**. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 18, n. 1, p. 9-12, 2014.

FERNANDES, B. M. Sobre a tipologia de territórios. *In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular/UNESP, 2009. p. 197-216.

Fundação Cultural Palmares. **Cidadania quilombola, passo a passo**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?page_id=538>. Acesso em: 22 nov. 2022.

Fundação Cultural Palmares. **Comunidades remanescente de quilombo**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551>. Acesso em: 22/11/2022.

GARFINKEL, Harold. **Studies in ethnomethodology**. New Jersey: Prentice-Hall, 1967.

GRIMM, Isabel Jurema; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Turismo comunitário: possibilidade de adaptação diante das mudanças ambientais e climáticas**. Caderno Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p.62-78, ago. 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOMES, Flávio dos Santos. **Quilombos do Rio de Janeiro do Século XIX**, In: **REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. (org.): Liberdade Por um Fio. História dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

GUIMARÃES, Carlos Magno. **Uma negação da ordem escravista: Quilombos em Minas Gerais no século XVIII**, Belo Horizonte, UFMG.1983.

GUZATTI, Thaise Costa; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce; CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. **Turismo de base comunitária em territórios rurais: caso da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (SC)**. Revista Brasileira de Ecoturismo, Diadema, SP, v. 6, n. 1, p. 93-106, jan./abr. 2013.

IBGE EDUCAR: **Quilombolas no Brasil**. [S. l.], 30 out. 2019. Disponível em: <[https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-nobrasil.html#:~:text=%20IBGE%20n%C3%A3o%20tem%20uma,de%20localidades%20ind%C3%ADgnas%20\(827\)](https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-nobrasil.html#:~:text=%20IBGE%20n%C3%A3o%20tem%20uma,de%20localidades%20ind%C3%ADgnas%20(827))>. Acesso em: 2 dez. 2022.

IRVING, M. de A. **Reinventando a Reflexão sobre Turismo de Base Comunitária: inovar é possível?** In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 108-121.

LACERDA, Liliane; ALBUQUERQUE, Lidiamar Barbosa de; MILANO, Sinéia Mara Zattoni; BRAMBILLA, Márcia. **Agroindustrialização de alimentos nos assentamentos rurais do entorno do Parque Nacional da Serra da Bodoquena e sua inserção no mercado turístico, Bonito/MS**. Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local, Campo Grande, MS, v. 8, n. 1, p. 55-64, mar. 2007.

LEITE, I. B. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. Etnográfica, Lisboa, v. 4, n. 2, p.333-54, 2000. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2022.

LEÃO, Alícia Emmily Silva. **Diagnóstico da viabilidade do desenvolvimento do turismo de base comunitária no povoado quilombola do Pixaim em Piaçabuçu–AL**. 2021.

LIMA, Robson Pereira de. **Turismo de base comunitária como inovação social**. 2011. 191f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2011.

LUSTOSA, Isis Maria Cunha; ALMEIDA, Maria Geralda de. **Os territórios emergentes de turismo e as redes de turismo comunitário: o caso da Terra Indígena ‘Lagoa Encantada’ do povo Jenipapo-Kanindé, Ceará, Brasil**. Pasos – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, El Sauzal (Tenerife), Espanha, v. 9, n. 3, p. 95-104, maio 2011.

MAGNO, L. **Que lugar é esse?** 2011. 89 f. Monografia (Graduação) - Curso Geografia da Universidade Federal de Viçosa – UFV, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2011.

MAZZOTTI, Alda J. Alves; GEWANDSZNAJDWER, Fernando. Revisão da bibliografia. In: **O Método nas Ciências Naturais e sociais: pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 2000.

MIELKE, Eduardo Jorge Costa. **Desenvolvimento Turístico de Base Comunitária**. Campinas, SP: Átomo &Alínea, 2010.

MIELKE, Eduardo Jorge Costa; PEGAS, Fernanda Vasconcellos. **Turismo de base comunitária no Brasil. Insustentabilidade é uma questão de gestão**. Revista Turismo em Análise, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 170-89, abr. 2013.

MINISTÉRIO da agricultura pecuária e abastecimento: **O Incra**. [S. l.], 28 jan. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/o-incra>. Acesso em: 2 dez. 2022.

MAXWELL, Joseph. **Qualitative research design: an interactive approach**. 3. ed. New York: Sage Publications, 2012.

MAYNARD, Douglas; CLAYMAN, Steven. **The diversity of ethnomethodology**. Annual Review of Sociology, v. 17, n. 1, p. 385-418, 1991.

OLIVEIRA, Samir Adamoglu de; MONTENEGRO, Ludmilla Meyer. **Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana**. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 129-45, mar. 2012.

PAZ, Mariana et al. **ESCRAVIDÃO, QUILOMBO E RESISTÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM SUSTENTABILIDADE**. Intermedius-Revista de Extensão da UNIFIMES, v. 1, n. 1, p. 31-38, 2021.

PEREIRA, G. P. P. B. **Homens, Mulheres e Masculinidade no Buieieí**. 2000. 284 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural na Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2000.

PINTO, N. M. de A. **Família, identidade e vínculos no meio rural: a comunidade negra do Buieieí, MG**, 2009. Disponível em: <http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/public/t_18.pdf> Acesso em: 22 de novembro de 2022.

PROJETO Bagagem: **Mapeamento das Iniciativas de Turismo de Base Comunitária**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://projetobagagem.org/site/wp-content/uploads/2022/11/Relatorio-Projeto-Bagagem.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2022.

RODRIGUES, Vera. **Programa Brasil Quilombola: um ensaio sobre a política pública de promoção da igualdade racial para comunidades de quilombos.** *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, v. 15, n. 57, 2010.

ROMAN, Arlete Regina; FRIEDLANDER, Maria Romana. **Revisão integrativa de pesquisa aplicada à enfermagem.** *Cogitare Enfermagem*, v. 3, n. 2, 1998.

Sampaio, C., Zechner, T., Henríquez, C., Coriolano, L. & Fernandes, S. (2014). **Turismo comunitário a partir de experiências brasileiras, chilenas e costarriquenha.** *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, 8(1), p. 42-58, jan./mar. doi: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v8i1.575>.

SANCHO, Altair; MALTA, Guilherme. **Pesquisa de Demanda para Turismo de Base Comunitária: desafios à promoção do encontro entre comunidades e viajantes.** *Revista Turismo em Análise*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 38-67, 2015.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas.** *Ambiente & Sociedade*, Campinas, SP, n. 10, p. 129- 36, jan./jun. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753x2002000100008. Acesso em: 26 nov. 2022.

SOUZA, Marcela Fernanda da Paz de; SILVA, Wagner Luiz Alves da; COSTA, Luzimar Pereira da. **Comunidade Remanescente de Quilombo, desigualdade e política pública: reflexões sobre um caso particular do possível das mulheres quilombolas em uma comunidade na região norte-rio-grandense.** *Interações (Campo Grande)*, v. 20, p. 1057-1071, 2019.

TORRES, Cibelih Hespanhol. **Mulheres do Buieí: Histórias de vida de uma comunidade negra na Zona da Mata Mineira.** 2014. 98 f. Universidade Federal de Viçosa, 2014.

TUCUM. **Rede Cearense de Turismo Comunitário.** Presentation held at the II International Seminar on Sustainable Tourism. Fortaleza, 2008.

ZAOUAL, Hassan. **Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições?** *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 1-14, 2008.

ANEXO – FOTOS DA LOCALIDADE



Fonte: Redes sociais do Projeto Social do Buiéíe.



Fonte: Redes sociais do Projeto Social do Buieíé.



Fonte: Redes sociais do Projeto Social do Buieie.



Fonte: Imagem própria.